



Recebido em: 29/09/2021

Aceito em: 15/01/2022

No girar de um pavilhão, se fundamenta uma nação: narrativas pedagógicas forjadas em verde e rosa¹

In the turning of a pavilion, a nation is founded: pedagogical narratives forged in green and pink

Mestre Phellipe Patrizi Moreira²

FFP/UERJ

<http://lattes.cnpq.br/2956145021111565>

Doutora Mairce da Silva Araújo³

FFP/UERJ

<http://lattes.cnpq.br/1157936975342255>

Resumo: A tríade – samba, espaços educativos e práticas antirracistas – é o pilar que marca o ritmo e dá o embalo a esta pesquisa. As reflexões geradas por esta investigação apresentam-se ao longo do texto em um formato de espiral, repleto de idas e vindas, buracos, e, sobretudo, acompanhadas de vozes oriundas da Norte do Rio de Janeiro, onde se assentaram os fundamentos do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. A partir de histórias de vida e formação de personalidades do samba e da educação das infâncias no Morro de Mangueira, refletimos como o samba desfilou por suas histórias de vidas, ao ponto conduzi-los por caminhos outros na resignificação das dores, silenciamentos e tentativas de

¹ Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado intitulada “*A batucada que se espalha nesse chão*”: narrativas docentes, samba e educação antirracista, defendida em 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Doutora Mairce da Silva Araújo.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGeu): Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e Professor da Educação Básica. E-mail: phellipe.patrizi@gmail.com

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora titular da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). E-mail: mairce@hotmail.com

inserção social. Na parte dedicada a docência, a narrativa da professora Luciana Ávila da Creche Municipal Vovó Lucíola evidencia a importância de pensarmos as escolas como lugares de movimentos, atravessamentos e experimentações em que o samba é entendido como um ato de resistência aos padrões socialmente atribuídos. Ao narrar a história da comunidade onde está localizada a creche, a professora destaca a valorização e respeito a cultura local e o compromisso em estimular o pertencimento étnico-racial e a autoestima das crianças, ajudando-as a se reafirmarem enquanto indivíduos dotados de direitos, saberes e habilidades. O relato da docente demarca um histórico de atividades desenvolvidas em creches municipais da 1ª Coordenadoria Regional de Educação onde o samba atravessa o espaço educativo e ressignifica os saberes da comunidade, ao potencializar valores como de ancestralidade, religiosidade e representatividade.

Palavras-chave: Samba; escolas de samba; cultura afro-brasileira; práticas antirracistas; narrativa docente.

Abstract: The triad – samba, educational spaces and anti-racist practices – is the pillar that sets the pace and sets the tone for this research. The reflections generated by this investigation are presented throughout the text in a spiral format, full of comings and goings, holes, and, above all, accompanied by voices from the North of Rio de Janeiro, where the Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foundations were based.. Based on life stories and formations of samba personalities and the education of childhoods in Morro de Mangueira, we reflect on how samba paraded through their life stories, to the point of taking them along other paths in the re-signification of pain, silencing and attempts to social inclusion. In the part dedicated to teaching, the narrative of teacher Luciana Ávila from Vovó Lucíola Municipal Nursery highlights the importance of thinking about schools as places of movements, crossings and experimentations in which samba is understood as an act of resistance to socially attributed standards. When narrating the history of the community where the day care center is located, the teacher highlights the appreciation and respect for the local culture and the commitment to encourage the ethnic-racial belonging and self-esteem of children, helping them to reaffirm themselves as individuals with rights, knowledge and skills. The teacher's report marks a history of activities developed in municipal day care centers of the 1st Regional Education Coordination where samba crosses the educational space and reframes the knowledge of the community, enhancing values such as ancestry, religiosity and representativeness.

Keywords: Samba; Samba schools; Afro-Brazilian culture; anti-racist practices; teaching narrative.

Introdução

No malandrear pelas encruzilhadas no Morro de Mangueira, fizemos da metodologia da pesquisa narrativa, um toque para Exu. Na tradição nagô é o orixá mensageiro, o princípio cosmológico que movimenta os formatos cristalizados e produz inversões dos padrões estabelecidos. Guiado por esses preceitos exusíacos, optamos por trilhar outros caminhos na escrita acadêmica, cujo tradicional afastamento sujeito e objeto, tornou-se inviável, ao grifar em cada página as implicações de autoria. “Trata-se, porém, de uma leitura conduzida pelo próprio ‘objeto’ e que assume o risco do envolvimento ou da paixão” (Sodré, 1998, p.10).

A fim de provocar um diálogo profícuo com outras vozes docentes, fizemos do samba uma potência disparadora de ações antirracistas, em que o modelo vigente em grande parte das escolas brasileiras é questionado. As visões hegemônicas, racistas e coloniais encontram-se presentes nas narrativas adotadas por diversos materiais didáticos de unidades escolares e correm pelos muros e pelas efemérides selecionadas para serem homenageadas. Contudo, optamos por não aderir a uma ética que contam as histórias de quem “vence”, uma vez que entendemos que a escola é movimento, igualmente ao orixá iorubano. E é ele quem nos convida para abrir os caminhos, rever as ordens dominantes e pensar a educação como uma prática de liberdade, bem como nos propõe bell hooks (2013). Por isso, façamos coro à voz de Elza Soares ao cantar: *Exu nas escolas*.

Um dos objetivos deste texto é analisar a trajetória de uma professora e atuante em uma creche municipal situada na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, cujo processo formativo se enveredou pelo entrelaçamento entre o samba, educação e antirracismo. Tais práticas se tornaram mais fáceis de serem desenvolvidas, uma vez que ainda resistem ao tempo as raízes educativas plantadas por Dona Neuma, a primeira-dama do Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S) Estação Primeira de Mangueira. Em sua casa, um dos pontos de sociabilidades do morro, Neuma alfabetizou diversas crianças das camadas populares em meio a batuques, palavrões e ensinamentos. A luta da sambista por acesso à educação gerou frutos como a fundação das primeiras instituições dedicadas a Educação Infantil na comunidade.

Uma casa, uma quadra ou um terreiro? Os princípios educativos e civilizatórios do Morro de Mangueira

A casa de Dona Neuma mais parecia um terreiro. Com o portão sem tranca e as portas abertas, o batuque convidativo acompanhava o surgimento das primeiras

estrelas no céu e só findava com o raiar de um novo dia sobre os barracões de zinco do Morro de Mangueira. A dança majoritariamente feminina e a roda em sentido anti-horário se assemelhavam aos lugares onde se realizavam os ritos afro-brasileiros, já que muitos de seus frequentadores eram adeptos das religiões de matrizes africanas e em tempos de carnaval, vestiam suas roupas brancas e desfilavam pelas ruas da comunidade. As conversas descontraídas e tramas políticas tomavam conta do espaço entre uma batida e outra nas caixas de fósforos e no couro quente do tambor. Eram esses os principais pontos de encontro de grupos marginalizados, que em meio às reformas urbanísticas do prefeito Pereira Passos, tiveram seus cortiços demolidos no centro da cidade e foram morar em Mangueira. Os encontros em sua residência congregavam também autoridades políticas, artistas, pesquisadores, tais como: Pedro Ernesto, Negrão de Lima, Noel Rosa e Ricardo Cravo Albin, como retratou o documentário *Mangueira, 90 anos de histórias* (2018).

Em meio à fusão do sagrado com o profano, alguns sambistas de Mangueira não eram bem-vindos nos grandes blocos na Praça Onze por beberem, brigarem e falarem palavrões, atos moralmente não aceitos no desfile das elites cariocas. Em razão disso, para poderem se divertir e brincar sem preocupações Cartola, Saturnino, Carlos Cachça, Zé Espinguela, Fiúca, Homem Bom, Chico Porrão, Antunico, Arturzinho e Zé Boleiro fundaram, em 1923, o Bloco dos Arengueiros, termo criado a partir de uma derivação de arengar/brigar, justamente um dos intuitos do grupo. Voltado exclusivamente para componentes homens, a apresentação não agradou as forças policiais que, em meio ao cenário pós-Abolição e a racialidade da sociedade, prendeu alguns de seus integrantes sem quaisquer motivos aparentes, logo após em uma das primeiras aparições públicas no morro. O episódio foi um dos estopins, para, no dia 28 de abril de 1928, Cartola, Saturnino, Abelardo da bolinha, Zé Espinguela, Seu Euclides da Joana Velha, Marcelino (Maçu da Mangueira), Pedro Caim (Paquetá) e Carlos Cachça realizaram a fusão entre blocos da região e fundassem a Estação Primeira, no terreiro de Tia Fé, na Travessa Saião Lobato nº 21, Buraco Quente. Esposa de Seu Euclides, Benedita de Oliveira, a Tia Fé, era uma das lideranças comunitárias e responsáveis pela criação de blocos como Pérolas do Egito e Príncipes das Matas (depois Príncipes da Floresta). Em sua casa e terreiro de candomblé, reuniam-se sambistas de toda a cidade, movimento similar ao que acontecia na casa de Tia Tomásia, onde os batuques animavam as noites inteiras. Outros blocos como o da Velha Guarda, Velho Julho e de Mestre Candinho também se destacavam pelas ruas do Morro e em menor ou maior grau compuseram os fundamentos da atual Estação Primeira de Mangueira.

Neuma não se esqueceu dessa data, embora tivesse apenas seis anos de idade, era o aniversário de sua irmã Cecéia e foi dormir com fome naquela ocasião, cansada de aguardar o seu pai chegar da rua para poderem cantar parabéns e cortarem o bolo. Somente no dia seguinte, Seu Saturnino acompanhando de outros sambistas, adentrou na residência comunicando a novidade de que havia fundado um bloco carnavalesco e ele seria o seu primeiro presidente. Para agradar a filha mais velha, disse que era o seu presente de aniversário, não somente dela, mas de todos eles. O bloco recebeu o nome de Estação Primeira em função de ser o primeiro lugar onde havia samba a partir da viagem de trem vindo da Central do Brasil. O nome também pode ser encontrado em trecho do samba de Cartola, denominado *Chega de demanda*, criado antes da fundação da futura escola de samba, em que o compositor clama a união os blocos e pelo apaziguamento dos atritos internos:

Chega de demanda,
chega!
Com esse time temos que ganhar
Somos da Estação Primeira
Salve o Morro de Mangueira!

A professora-pesquisadora Maria Alice Gonçalves (2003) destaca as potencialidades das escolas de samba, tal como se configurou na Mangueira, de tornarem-se um canal de expressão social e política de grupos populares e marginalizados, como os que ocuparam inicialmente a antiga elevação vizinha a Quinta da Boa Vista, o então Morro do Telégrafo, atualmente apelidado de Complexo da Mangueira, localizado próximo ao *campus* Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com a inauguração da fábrica de chapéus Mangueira pelo comerciante Fernandes Braga, no início do século XX, o antigo Telégrafo já não correspondia à extensão da comunidade, que deixava reservado este nome para identificar apenas uma parte do Morro e não mais a sua totalidade. Tal ampliação de elos de cooperação e de conflitos entre esses segmentos teceram no terreiro da Mangueira, hoje denominado de quadra, uma rede de sociabilidades negras no sentido mais abrangente e apurado do termo.

“Mangueira não fica na África”. A frase pronunciada pelo jornalista Jofre Rodrigues, após contemplar uma apresentação da escola no Morro de Mangueira, em dezembro de 1932, suscita múltiplas interpretações. A primeira delas refere-se à segregação e a alienação da cidade perante a riqueza cultural do Morro. A segunda aponta para um redirecionamento epistemológico das origens da História

Social do Samba, não lavrada em berço africano, mas em terras cariocas, sinalizou o professor-pesquisador Nelson Fernandes (2001). Os desfiles da Mangueira continuariam a impressionar até os próprios fundadores. No carnaval de 1935, Seu Saturnino, passou mal e considerou por bem não desfilar, no entanto, em um gesto de gratidão, o colocaram sentado na ponte, onde hoje fica o viaduto, para ver o verde e rosa colorir as ruas do morro, descendo em passos sinuosos rumo ao asfalto. Meses depois, em abril daquele mesmo ano, com apenas doze anos, a menina Nelma perdeu o seu pai.

A pequena casa de pau a pique deu lugar a uma grande construção de três andares na Rua Visconde de Niterói, entre o Buraco Quente e a quadra da escola de samba. Era lá o endereço do único telefone do morro, presente dado pelo prefeito Negrão de Lima pelo socorro às vítimas do grave acidente na linha férrea em 1957. Por meio daquele número relacionamentos se iniciaram, pedidos de socorro foram feitos e comunicados proferidos. Era a porta-voz da comunidade. Quase todas as decisões tomadas pela verde e rosa passam pelo crivo da coroada primeira-dama da Mangueira, que dividia o posto com a última esposa de Cartola, Dona Zica. Suas filhas Chininha, Cici e Guesinha são unânimes ao afirmar o clima de harmonia que reinava entre elas. Amigas, corriqueiramente almoçavam juntas, apresentavam-se lado a lado nas festividades e compartilhavam as tarefas da ala das baianas tradicionais da escola. Fundada por Dona Neuma em 1960, com o objetivo de convidar as velhas baianas que estavam afastadas da agremiação, devido ao enorme peso das fantasias, pela falta de dinheiro e consideração, a retornarem à escola. Além desta, hoje comandada por sua neta Nelcy, a primeira-dama da também foi a precursora na criação da ala mirim da escola, como escreveu Roberto Paulino (2003), ex-presidente da escola entre 1960 e 1963, em sua autobiografia.

Além de suas três filhas, Neuma apadrinhou mais dezoito crianças e adolescentes da Mangueira, dentre eles: o humorista Mussum, nascido no Lins, mas que estabeleceu um forte vínculo afetivo com a verde e rosa, e o cantor e compositor Tatinho da Mangueira, ambos já falecidos. Embora não fosse uma educadora de formação, ela ajudou a alfabetizar muitas crianças do morro com um método singular. Certa vez, ao buscar as crianças na escola, foi repreendida pela professora avisando que seus afilhados não sabiam ler. Inquieta com tal afirmação escreveu no papel um conjunto de palavrões, acompanhados de seus significados e pediu para que cada um lesse o que estava escrito. Após a leitura das expressões, as crianças deram gargalhadas e ela confirmou a sua hipótese de que já eram de fato alfabetizadas. Assim como Paulo Freire (2013), Neuma acreditava que a educação deveria ser contextualizada, já que “ler a palavra e aprender como

escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidas do aprender como 'escrever' o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo" (Freire; Macedo, 2013, p. 83).

Em virtude de sua preocupação com a educação as crianças pequenas, Dona Neuma aglutinou forças políticas, mobilizou residentes das comunidades para a criação de creches em meados de 1999 como o Vovó Lucíola e a atual Nação Mangueirense nas proximidades da Rua Visconde Niterói, a principal travessa da comunidade. A matriarca do samba também se destacou no papel de pastora, denominação dada às mulheres que participavam dos corais das escolas de samba cariocas nas funções de intérpretes e dançarinas. Neste mesmo ano, gravou a canção *Adeus, Mangueira*, de autoria do fundador da escola e do criador do primeiro concurso de samba entre os grupos de compositores, Zé Espinguela. Seus versos entoavam um tom de melancolia e manifestavam seu pressentimento que era chegada à hora da partida:

Bem que eu quero expirar
Mas existe um porém
Sinto a minha memória cansada.
Esta simples melodia
Serve de último adeus
Adeus, escola de samba
Adeus, Mangueira, adeus!

O irmão de santo de Vovó Lucíola se despediu da comunidade que o consagrou em 1944. Cinquenta e seis anos depois, no mesmo ano em que gravou este samba, Neuma bebeu os últimos goles de cerveja e partiu para o plano superior. Estaria também a primeira-dama pressentindo que eram estes os seus últimos dias de vida? Embora não esteja mais viva entre nós, suas memórias são recorrentemente saudadas pela órfã nação mangueirense, tal como na criação da Escola Tia Neuma 2, em 2008, dentro das instalações da Vila Olímpica da Mangueira, cujo objetivo era atender quinhentos estudantes dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental em horário integral. Mais recentemente, em 2019, foi homenageada, no Dia Internacional da Mulher pela creche que ajudou a fundar, a Nação Mangueirense.

Histórias como a da pastora mangueirense se assemelha a de tantas outras baluartes que carregam nos laços familiares, os vínculos com as memórias ancestrais da cultura popular. Criadas ao som de surdos, pandeiros e tamborins,

difícilmente não se enveredaram pelo mundo do samba, um caso similar ao da primeira porta-bandeira do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, Squel Jorgea e da professora e diretora da Creche Municipal Vovó Lucíola, Lucíola Ávila. Antes de conhecermos estas e outras narrativas, precisamos conhecer um pouco mais a fundo o lugar onde elas se localizaram: o Morro de Mangueira.

Onde se assenta o samba, também floresce educação

Na rua onde se localiza o espaço dedicado aos ensaios e preparativos para o carnaval da Estação Primeira de Mangueira, se encontra também o atual Museu do Samba; um potente articulador de experiências pedagógicas patrimoniais voltado, sobretudo, para as diversas instituições educativas da vizinhança. O Museu se inspira em uma concepção de educação experiencial, na qual a figura do facilitador desempenha o papel de mediador na construção participativa do conhecimento. É nessa instituição museal onde acontece uma das mais potentes defesas das tradições e preservação de memórias dos saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros, muito presente no entorno da comunidade, bem como reconhecer, divulgar e salvaguardar o samba enquanto patrimônio cultural imaterial do Brasil. No mesmo logradouro também se encontra o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim (G.R.C.E.S.M.) Mangueira do Amanhã. Criada em 1987, a agremiação mirim tem como um dos seus objetivos principais aproximar o público infantojuvenil às vivências do samba e do carnaval carioca. A proposta consiste em fazer da escola de samba mirim um celeiro de bambas para as próximas gerações de sambistas.

Além desses projetos, há também quatro creches municipais reconhecidas pelo desenvolvimento de trabalhos de entrelaçamento de samba e relações étnico-raciais na educação infantil, a partir de homenagens a baluartes da Estação Primeira, são elas: a C.M. Eduardo Moreira dos Santos, C.M. Homero José dos Santos, C.M. Vovó Lucíola e C.M. Nação Mangueirense. Fundada por Dona Neuma em 04 de outubro de 1999, esta última compartilha do mesmo nome do CIEP 241 Nação Mangueirense e fora construída a partir da congregação de forças de políticos locais, aliados da primeira-dama da Mangueira, com grupos de residentes locais visando à criação de uma creche à beira da Rua Visconde de Niterói. A instituição homônima, batizada inicialmente de Sempre Viva Nação Mangueirense – Espaço Tia Neuma passou por mudanças no decorrer das últimas décadas, a começar pela vinculação com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e redução do nome para Nação Mangueirense. Outro espaço educativo que teve seu

nome atrelado a de uma mangueirense foi a Vovó Lucíola. Inaugurada em 14 de setembro de 1999, a creche prestou um tributo à Lucíola de Jesus, parteira, ialorixá e a mais antiga moradora de Mangueira, na época com os seus 99 anos de idade. Foi nesta Creche, cujo nome evoca os saberes de uma preta velha, que assentou a narrativa da professora Luciana Ávila.

É na voz de professores que se ergue uma nação: samba, batuques e bailados

Um dos episódios que corporificou o diálogo práticas antirracistas e samba, também presente nas publicações do *Rio Educa*, foi a experiência narrada da “bebê Squel”. Tal prática pedagógica, realizada no ano de 2018, pelas docentes Patrícia Sodré e Luciana Ávila provocou reverberações ao relacionar a cultura do samba da Mangueira com a Creche Vovó Lucíola, esta última entendida como um espaço de sociabilidade infantil no qual as crianças pequenas se formam, por meio da cultura, como portadoras de direitos.

Um dos princípios educativos da instituição era o desenvolvimento de diversas linguagens e múltiplas formas de expressão, tais como: a dança, a voz, os gestos, a interpretação, a pintura, a poesia, a arte, dentre tantas outras possibilidades. Na experiência narrada, as crianças do Maternal III foram estimuladas pelas docentes a criarem casas de papelão, como um modo de incentivar a criatividade, e alimentar o mundo de faz de conta da criança, que como nos diz Sarmiento (2004), “faz parte da construção da sua visão de mundo e da atribuição do significado às coisas” (p.26).

Em seguida, resolveram arrumar e decorar o cenário da casa com diversos brinquedos que fazem parte do cotidiano das crianças como, por exemplo: bonecas, panelas, pedaços de tecidos, ursos de pelúcia, kit escolar dentre outros. A ideia dessa intervenção pedagógica era que elas criassem o hábito de terem maior cuidado e afetividade com os brinquedos. A partir daí, uma das professoras propôs às crianças a escolha de nomes para as bonecas. Entre as bonecas havia um bebê de pele negra e careca. Prontamente, a Sophia Moreira, de 3 anos, respondeu: “Essa daqui é Squel!”. Assim como ela, as outras crianças também propuseram nomes para as demais bonecas. Curiosa, a professora resolveu perguntar: “Sabem quem é Squel?” A turma fica dividida entre as que sabiam e as que não a conheciam. Sophia, então, explica às outras crianças que Squel, é a atual porta-bandeira da Mangueira. Filha de uma das passistas da verde e rosa e do mestre de

bateria da agremiação, o vínculo afetivo de Sofia com a escola de samba é muito forte. Assim, a criança trouxe para dentro da creche saberes do mundo do samba e da cultura do entorno. A associação entre a figura de Squel Jorgea e a boneca/bebê, foi motivada pela fantasia usada pela porta-bandeira no carnaval de 2016. Representando uma iaô, iniciada no candomblé, a artista desfilou com uma máscara capilar, que dava a impressão de que estava com a cabeça raspada.

A partir desse momento, a “bebê Squel” participou das rodas de leitura com as professoras e as crianças da creche, como também passou a frequentar os corredores despertando a curiosidade e o protagonismo em meio aos pequenos. Como qualquer outra criança, a “bebê Squel” também comemora aniversário. Então, foi elaborada pelas crianças uma festa com direito a convites, lista de convidados, uma bandeira verde e rosa (cores da agremiação) preparações de bebidas e comidas pelas próprias crianças. Um detalhe do projeto educativo na Primeira Infância refere-se à preocupação por uma alimentação mais saudável, os doces da festa foram preparados de forma alternativa com pouco açúcar, por exemplo. A convite da creche, a “Squel Grande”, apelido que as crianças deram para a porta-bandeira, compareceu à comemoração do aniversário da “bebê Squel”. O Museu do Samba marcou presença nos festejos, que contou também com a participação dos músicos do Projeto *Batuque Favela*, *Sacode Mangueira*, levando os instrumentos de uma bateria de escola de samba.

Percebi ao longo desses anos na Vovó Luciola, que apesar de cada turma ser única, todas elas têm algo em comum: o samba. O que muda é a relação de proximidade que elas têm com ele. Por exemplo: A Festa da bebê Squel aconteceu numa turma de Maternal II que era muito apaixonada pelo samba, pela Squel e pelo Matheus [atual mestre-sala da agremiação, tio da Squel e filho do falecido compositor e cantor Xangô da Mangueira]. Essa turma tinha crianças que eram filhos de importantes integrantes da agremiação, como os mestres de bateria e possuíam uma relação muito próxima com cantores, mestres-salas e porta-bandeiras. Essas crianças sempre representavam no dia a dia as experiências que tinham fora da creche. Gostavam de brincar de “ser da bateria”, “ser porta-bandeira”. As brincadeiras em torno do samba duraram o no inteiro e aconteciam de forma espontânea. Já em outra turma, essa relação não era tão próxima. Apesar das crianças também gostarem do samba, as brincadeiras em torno dessa temática não se estenderam por muito tempo. Com tudo isso, acho que é importante mencionar que acredito na importância do samba estar incluído nas práticas antirracistas, mas a forma como se dará isso e o caminhar acerca dessa temática, vai depender das crianças. O que o professor precisa fazer é garantir o espaço para que isso aconteça. É permitir que as crianças explorem e tenham contato com o Universo do Samba (Luciana Ávila. *Questionário*, 2020).

Após consultar o projeto político-pedagógico da Creche Vovó Lucíola, por meio do portal *Rio Educa*, pude notar as implicações de uma concepção de educação, na qual as crianças são protagonistas da proposta educativa, tendo como princípios como: “vincular a rotina e atividades pedagógicas à cultura da criança e a localidade do entorno, valorizando a diversidade, a identidade étnico-racial e as variadas formas de sentir e se expressar” (Portal *Rio Educa*), em que os saberes são compartilhados e construídos coletivamente entre os docentes e com a comunidade. Essa proposição encontra-se sinalizada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em que os “conhecimentos produzidos por seu grupo cultural e pela humanidade, na Educação Infantil, devem ser articuladas ao entorno e ao cotidiano das crianças” (Brasil, 2013, p.89).

Em entrevista ao Portal *MultiRio*, o coordenador da Primeira Infância da Secretaria Municipal de Educação, Marcelo Fernandes do Nascimento, ressaltou os trabalhos realizados tanto na creche Vovó Lucíola, como em outras creches municipais da 1º Coordenadoria Regional de Educação (CRE), sobre as potencialidades do samba e as relações étnico-raciais nas infâncias:

Quando a gente começou o movimento de entender algumas práticas da primeira infância, a gente via no currículo a questão étnico-racial, que é uma orientação maior pela própria lei 10.639, e que já está aí há 16 anos sendo trabalhada enquanto currículo. E aí, quando a gente vem e passa a conhecer um pouco do trabalho das coordenadorias, a gente encontra na 1º CRE, esse trabalho vinculado às relações étnico-raciais, mas com personagens da comunidade. Eles começam com a história de Cartola e Dona Zica. As crianças se apropriam, são crianças da comunidade da Mangueira, mas eles começam a entender que a história de Cartola e Dona Zica vai para além dos muros da Mangueira, toma uma proporção do mundo e isso adentra o currículo e passa a dialogar com eles para a construção de conhecimento deles. O que para nós é importante e interessante é que eles começam a ter uma relação com as culturas negras, a partir do que eles vivenciam, sem a visão preconceituosa, sem a visão eurocêntrica. Com essa visão afrodiaspórica, eles começam a entender o que está aqui do nosso lado, no nosso dia a dia, com quem a gente convive diariamente. Isso passa a estar com eles dentro das creches. Então, Dona Zica e Cartola passam a ser amigos deles e isso vai para além. Iniciando na primeira infância, começa a trazer as marcas para os olhares do mundo, das diferentes linguagens e saberes (Nascimento. *MultiRio*. 2019).

A luta a que Nascimento se refere articula-se com as ideias defendidas pelo professor-pesquisador Flávio Santiago (2015) e pela professora-pesquisadora Mairce Araújo (2003) quando o autor nos alerta que a exclusão e a desvalorização das referências culturais africanas e afro-brasileiras trazidas pelas crianças pequenas para espaços educativos contribuem para legitimar a hierarquização entre as culturas, destacando umas como melhores, mais civilizadas – a europeia, cristã,

branca – e, conseqüentemente, outras – de origens africanas ou indígenas, como mais atrasadas, menos civilizadas. As conseqüências dessas posturas minam a autoestima das crianças negras que passam a enxergar-se e ao seu grupo social, como atrasado, ignorante. Tal processo de hierarquização vai demarcando a construção de identidades que se reconhecem como racialmente inferiores. O conceito de identidade é aqui entendido tal como compreende o pesquisador Stuart Hall (2005), a partir das instâncias flutuantes, múltiplas e em certos momentos, contraditórias. Alheias aos aspectos biológicos, a moldagem da identidade ganha contornos históricos e políticos advindos, sobretudo de questões mal resolvidas da infância.

Tal processo de hierarquização, que nada mais é do que a continuidade do processo colonizador que reverbera no cotidiano das instituições, passa desde a seleção das histórias e que são contadas para as crianças, pela escolha dos brinquedos colocados à disposição das crianças e até pelas imagens, figuras, painéis e ilustrações que compõem a decoração das paredes das creches e pré-escolas. Essas opções e imagens não são neutras, conforme aponta Santiago (2015), “a construção do não dito, do oculto, direciona as subjetividades não hegemônicas a não aceitação social, ou seja, reforça os padrões que instituem a discriminação a partir da reafirmação de espaços constituintes do padrão/aceitável e do não padrão/rejeitável” (p.453). As crianças pequenas devem levar para as creches as histórias de seus cotidianos familiares, de seus heróis e heroínas negros/as dos locais onde moram e suas vivências. O respeito e reconhecimento da identidade étnico-racial nas creches favorecem a produção de práticas antirracistas nesse segmento e contribuem para o fortalecimento da autoestima das crianças. Luciana Ávila narra como o trabalho na creche a estreitou os laços afetivos que tinha com o mundo do samba, não apenas pela proximidade com a quadra da Mangueira, onde realizam eventos da própria creche, mas pelo grau de envolvimento das crianças pequenas com a agremiação:

Sempre gostei muito do samba, mas a Creche foi um divisor de águas na minha vida. Trabalhar na Mangueira modificou não apenas o lado profissional, mas também o pessoal. O G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira fica bem perto da Creche. Muitas crianças frequentam a quadra e tem seus familiares envolvidos com o samba. Além disso, temos uma relação de parceria com a Quadra. Costumamos realizar eventos lá, como a Festa de Encerramento, por exemplo. Aqui na Creche diversas crianças vivenciam o samba o ano inteiro. Muitas famílias possuem integrantes no G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, como passistas, ritmistas, etc. Para a criança, ver o seu pai ou a sua mãe, num papel de destaque à frente da Escola, traz empoderamento. As crianças precisam estar constantemente em contato com referências positivas, pois isso ajuda no processo de construção de identidade e fortalecimento de

autoestima. Quando as crianças têm contato com o mundo do samba, elas se veem representadas. Acredito que se essas práticas acontecem em espaços educacionais que são próximos de Escolas de Samba, por exemplo, essa representatividade é ainda mais forte (Luciana Ávila. *Questionário*, 2020).

No Morro de Mangueira situam-se outras três creches municipais, além da Vovó Lucíola, que são vinculadas ao 1º CRE da Secretaria Municipal de Educação, C.M. Eduardo Moreira dos Santos, C.M. Homero José dos Santos, C.M. Nação Mangueirense cujas localizações se encontram nas proximidades da quadra do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira e do Museu do Samba. Este último, enquanto patrimônio cultural e educativo da comunidade estabelece parcerias com essas creches e escolas municipais a partir de visitas regulares ao espaço museal. Dentre as tantas aulas passeios entre esses espaços educativos, destaco a que ocorreu no dia 31 de outubro de 2019, divulgada pelos portais oficiais do *Rio Educa* e pela *MultiRio*, vinculados à Secretaria Municipal de Educação.

Nesse encontro estavam presentes crianças do Maternal II da C. M. Vovó Lucíola e da C.M Homero José dos Santos. Acompanhados de seus familiares e representantes, as crianças foram convidadas a iniciarem a visita segurando um fio de ouro, entregue pelo educador, no qual todos deveriam portar, sem deixar cair. A corda simbolizaria o sentido de comunidade e coletividade de Mangueira. A visita mediada é uma proposta pedagógica do Núcleo Educativo da instituição museal ao espaço da exposição *Ocupação 100 anos do Samba*. Ao adentrarem a sala, as crianças pequenas assistem uma peça teatral com fantoches intitulada de *Uma história de amor e música*, um olhar sobre a narrativa de amor entre o compositor Cartola, um dos fundadores da escola de samba Mangueira e sua companheira, a sambista Dona Zica. A roda de conversa foi outro momento integrante da mediação. Nela, foram contadas histórias de artistas como Nelson Cavaquinho (enredo da Mangueira em 2011) e Cartola. Puderam também ver fotografias desses sambistas, ouvirem suas músicas e assistirem a um documentário da mesma temática. A visita ao museu pode despertar maior interesse por parte das crianças escutarem novamente os sambas, além dos tradicionais sambas-enredos da agremiação da comunidade e o término da aula passeio as crianças puderam interagir e batucar, em ritmo de samba, com os instrumentos de percussão expostos no espaço, cuja finalidade era aproximá-los aos sons da *Tem que respeitar meu tamborim*, nome pelo qual ficou conhecida popularmente a bateria da Mangueira. O batuque já familiar para a maioria despertou a animação e descontração nas crianças pequenas, uma vez que muitos já conheciam bastante da história da escola, por morarem próximo ao museu e à quadra da escola e

escutam e acompanham de suas casas os ensaios de quadra ou de rua, quando acontecem, a exemplo da Sophia, do episódio da “Bebê Squel”, que é filha do mestre de bateria com uma passista da Mangueira. A atividade no museu está inserida nos projetos das creches, pois reflete a culminância das propostas pedagógicas iniciadas em fevereiro, como relata da professora e diretora Luciana Ávila da Vovó Lucíola ao site *Rio Educa*:

Durante o Baile da Alegria, observamos a paixão das crianças pelo samba da Mangueira. Elas dançaram, cantaram, brincaram muito e a partir desse olhar atento, demos o pontapé inicial no nosso Projeto Anual, que tem a música como pano de fundo. Começamos, então, a enaltecer a história do samba, que veio para o Brasil junto com os negros africanos escravizados no período colonial, dando ênfase à musicalidade como valor civilizatório da cultura afro-brasileira (Ávila. *Rio Educa*. 2019).

O Baile de Alegria é uma festividade organizada pela creche no início de cada ano, no período próximo ao carnaval. Na edição de 2019, a música mais pedida foi o samba-enredo da Mangueira de 2019. A diretora Luciana Ávila contou que toda vez tentava colocar outras canções para serem tocadas, as crianças pediam para ouvirem novamente o samba da verde e rosa. A partir dessa experiência, a diretora percebeu que poderia pensar outras ações educativas sobre essa temática e em conjunto com as docentes, escolheram a música como tema do projeto pedagógico anual. As visitas mediadas, em conjunto com os projetos, “puderam ampliar seus conhecimentos sobre a história do Samba, resgatar as memórias da Mangueira e valorizar a cultura da comunidade onde moram” (*Rio Educa*, 2019).

A culminância do projeto *Músicas, ritmos, sons para brincar e ser feliz* aconteceu em dezembro na quadra da agremiação com oficinas tais como a de *Ouvintes, grandes leitores, pintura corporal, turbantes*, foram disponibilizados brinquedos, cama elástica, pula-pula, acompanhados de apresentações de dança, teatro e embalado em alguns momentos por um pequeno grupo de ritmistas da agremiação mirim Mangueira do Amanhã. A diretora defende a valorização dos patrimônios culturais que circunscrevem as vivências das crianças, como forma de fomentar reconhecendo suas origens ancestrais, quem são e que possam ostentar orgulhosamente seus traços identitários. A cada vez em que era exibido um vídeo da escola de samba na televisão, seja o clipe oficial do samba-enredo, seja de trechos dos desfiles, as crianças rapidamente reconhecem as pessoas da comunidade presentes neles e sentia-se entusiasmadas com a iniciativa, ao ponto de arriscarem a dar alguns passos, gingarem os corpos, baterem os pés em sincronia, batucarem com as palmas das mãos.

Quando se trata da realidade comunidade do Morro de Mangueira, onde as creches compartilham o espaço com a Vila Olímpica, o CIEP 241 Nação Mangueirense Governador Leonel de Moura Brizola, o Museu do Samba, a Escola Tia Neuma 2, o G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira e a escola mirim Mangueira do Amanhã, as personalidades negras do samba e da cultura popular se fazem presentes. Na comunidade/nação mangueirense, composta por negros ex-escravizados, pobres e adeptos de religiões de matrizes africanas, o samba se torna uma força motriz na luta por reconhecimento, igualdade e respeito. Nos projetos pedagógicos anuais das creches da Mangueira o samba é o protagonista das práticas antirracistas. Convocar Cartola, Dona Zica, Saturnino, Dona Neuma e tantos outros bambas é saudar o samba como valor civilizatório afro-brasileiro. É evocar as memórias ancestrais e divindades do panteão afrodiaspórico para defender as populações negras contra toda forma de opressão e racismo.

Acho que o samba só ganha espaço nos espaços educativos se as práticas antirracistas existirem. Acredito que é tudo conectado. Se o professor tem um caminhar baseado no protagonismo infantil, valorizando a história de vida das crianças, a comunidade onde ela mora, sua cultura e seus antepassados, aí o samba aparecerá. E isso se dará independente do carnaval, por exemplo. Por que existe também uma questão muito forte entre a religião x samba que precisa ser conversada com as famílias. Acredito que essas práticas precisam fazer parte do dia a dia da Creche. Deve estar enraizada em tudo aquilo que a gente faz. O samba está intimamente ligado aos Valores Civilizatórios afro-brasileiros (Luciana Ávila. *Questionário*, 2020).

Os valores civilizatórios afro-brasileiros mencionados por Luciana, em sua narrativa, apontam para a estreita relação do samba e as relações étnico-raciais, tal como explicitou a professor-pesquisadora Azoilda Trindade (2013) ao elencar alguns desses princípios basilares para a Educação Infantil, tais como: Energia Vital, Oralidade, Cooperatividade, Corporeidade, Musicalidade, Ludicidade e Circularidade. Tais preceitos foram trazidos para terras brasileiras com os africanos escravizados e por seus descendentes, que ao imprimirem um conjunto de gestos, atributos, modos de ser e de agir, aspectos intelectuais, geracionais, familiares, materiais e espirituais, instituíram e corporificaram formas de resistências aos processos históricos, sociais e culturais do genocídio das vidas negras no Brasil. A autora também defende que todas elas merecem ter acesso aos patrimônios culturais afro-brasileiro, já que estes as constituem. Dessa forma, a autora compreende a importância de falar do cotidiano para fazer dele questionamentos e:

Propõe um diálogo aberto, que precisa ter continuidade no trabalho de cada professor, propondo um compartilhamento de

ideias, no sentido amplo, com aqueles que fazem o cotidiano escolar. Cotidiano este entendido como vibrante, como lugar de desafios, inquietações, movimento, encontros e desencontros, alegrias, emoções, prazeres, desprazeres, produção de saberes, de conhecimento e de múltiplos fazeres. Espaços de pessoas buscentes, pesquisadoras de sua própria prática (Trindade, 2005, p.30).

É nesta circularidade de saberes e reflexões propostas pela autora, assentadas a partir do movimento, da coletividade, da renovação, da “rodinha” que as práticas antirracistas abrem os caminhos para o samba e não o inverso, conforme salientou a diretora da Creche Vovó Lucíola, Luciana Ávila. Trindade (2013) convida às “pessoas buscentes, professoras da sua própria prática” a observarem atentamente que a batucada só se inicia quando docentes já se atentem a uma educação das relações étnico-raciais nas infâncias, onde reinam os saberes da ancestralidade, as origens étnicas, as culturas do entorno, o brincar, o narrar, o imaginar e o respeito às corporeidades negras.

Em uma nação de Lucíolas, Neumas e Squels, os preceitos do matriarcado do samba se assentam nas práticas educativas adotadas pela Creche Vovó Lucíola, em que há um entrelaçamento da rotina dos bebês e das crianças pequenas com a cultura do entorno, a identidade étnico-racial e alteridade. Criada a partir do engajamento político de lideranças comunitárias como a de Dona Neuma, a creche simboliza a luta e mobilização dos mangueirenses por acesso à educação. Embora não fosse educadora de formação, Dona Neuma auxiliou no processo de alfabetização de crianças e adolescentes da comunidade, tornando-se assim a personificação da história da comunidade do Morro de Mangueira.

Considerações finais

Neste texto, a voz de Luciana Ávila é evocada em num rito dialético de mobilização, manifestação e comunicação entre histórias de vida e formação. A observação da trajetória da docente indica a presença das escolas de samba nos processos formativos desde a infância e adolescência. O contato com os barracões, quadras e ateliês fizeram da docente mais atenta aos discursos proferidos pelos cortejos negros das agremiações cariocas. A atenção às narrativas cantadas, dançadas e tocadas na Avenida plantaram em nós questionamentos sobre os papéis ocupados pelos estratos negros da sociedade brasileira. Alguns temas, não tão em voga nos ambientes escolares em décadas passadas, desfilaram pela Sapucaí na contramão da historiografia oficial.

Com Luciana Ávila, aprendemos o papel formativo do cotidiano escolar ao intensificar o seu gosto pelo samba a partir da entrada na Vovó Lucíola e da observação da orgânica relação entre as crianças e o mundo do samba, como parte da rotina da creche, nas brincadeiras de faz de conta onde cada delas se imaginava como a rainha de bateria, o cantor, a porta-bandeira, o mestre-sala. Pensar a presença dos enredos carnavalescos na Educação Infantil como um sinônimo de pioneirismo do antirracismo requer cuidado. Tal relato demarca o avesso do que comumente é entendido, ser o samba a porta de entrada para práticas antirracistas. Segundo a diretora, o samba só adentra musicalmente e identitariamente o espaço se for houver uma perspectiva antirracista permanente em desenvolvimento nas ações pedagógicas cotidianas de docentes e no Projeto Político-Pedagógico da instituição. Se há um trabalho calcado nos valores civilizatórios afro-brasileiros, na cultura do entorno e no protagonismo infantil, o samba pode contribuir para balançar as estruturas dogmáticas da educação e valorizar as identidades étnico-raciais. Contudo, na ausência de tais preceitos, o racismo estrutural não sendo posto em cheque, as amarras da dominação dos corpos negros se aceleram, minando a autoestima das crianças negras, seus desejos e perspectivas de vida.

As crianças, por volta dos 3 e 4 anos, já desenvolvem a percepção de identificação étnicorracial e de qual grupo ela está inserida. É nesta faixa etária também que se suscitam as primeiras impressões e internalizações da problemática racial e dos valores atribuídos diferentemente às pessoas negras e brancas, em que as primeiras costumam ser socialmente representadas de forma inferiorizada, subalternizada e preterida; e as segundas, são geralmente associadas à beleza, inteligência e superioridade. Em razão disso, a docente procura em suas práticas valorizar os cabelos, os tons de pele, as manifestações culturais afro-brasileiras da história local, tendo em vista que essas crianças sofrem, desde cedo, atos de discriminação racial em seus cotidianos. Ao narrar a história da comunidade onde está localizada a creche, a professora revela valorização e respeito a cultura local e o compromisso em estimular o pertencimento étnico-racial e a autoestima das crianças, ajudando-as a se reafirmarem enquanto indivíduos dotados de direitos, saberes e habilidades.

As agremiações carnavalescas são, portanto, espaços formativos e educativos, onde a dimensão da cultura encontra-se no cerne das relações mediatizadas pelo mundo, como ressaltou o patrono da Educação brasileira, Paulo Freire. Nesse sentido, para sambistas/carnavalescos, tal como a participante dessa pesquisa, a produção de um conhecimento é gestado na coletividade, oriundo das

práticas sociais e do viver em comunidade. Nessa busca de compreender os processos educativos organizativos dos agrupamentos sociais denominados escolas de samba, podemos perceber que a perspectiva pedagógica envolta nesse processo não se atenta apenas à apropriação de saberes, mas a uma construção de enlaces sociais matizados culturalmente. Nessa simbiose político-pedagógica, percebemos que é nas relações sociais que nos educamos mutuamente.

Referências

ARAUJO, Mairce da Silva. Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro, Editora: DP&A, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Freira; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A Vila Olímpica da Verde-e-rosa**. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como uma prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MANGUEIRA, 90 anos de histórias. Direção de Carlos Colla e Henrique Lima. Produção: Carol Rocha, Neise Marçal e Socorro Cardoso. Roteiro: Carlos Colla e Carol Rocha. Rio de Janeiro: Tv Brasil, 2018. 1 vídeo (52 min.). Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/doc-brasil/2018/10/mangueira-90-anos-de-historias>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MULTIRIO, Portal. **Museu do Samba.** Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/assista/tv/15376-museu-do-samba>>.

Acesso em: 05 dez. 2021.

PAULINO, Roberto. **Do Country Club à Mangueira.** Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2003.

RIOEDUCA. **Bebê Squel.** Rio de Janeiro, 06 ago. 2018. Disponível em: <<http://antigo.rioeduca.net/blogViews.php?bid=14&id=6662>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

_____. **Creche Municipal Vovó Lucíola e Creche Municipal Homero José dos Santos - 1ª CRE.** Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo/?id=10694128>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2.^a modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação.** Porto: Asa, 2004, p.9-34.

SANTIAGO, Flávio. Creche e racismo. **Revista Eletrônica de Educação**, [S.I.] v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** 2º ed. Rio de Janeiro: Maud, 1998.

TRINDADE, Azoilda Loretto (orgs). Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.